



5º Simposio de Ensino de Graduação

ACÇÃO DA PSICOLOGIA FRENTE A UMA QUEIXA DE DESINTERESSE ESCOLAR

Autor(es)

FLÁVIA MARIA DE SOUZA BIGARAM

Co-Autor(es)

BÁRBARA FURLAN DIAS
JAQUELINE ROBERTA DA SILVA
LARISSA DA SILVA GALLIGANI
TAÍS DA SILVA PEDROSO
VANESSA APARECIDA TOLEDO
VANESSA CAMARGO MORAES

Orientador(es)

Leila Maria do Amaral Campos Almeida

1. Introdução

Collares e Moysés (1996) afirmam que os professores não atentam para o fenômeno do fracasso escolar e como freqüentemente não admitem problemas na instituição Escola, a possibilidade de problemas pedagógicos nem sequer se coloca (p.67). Problemas de ordem pedagógica e institucional são transformados em problemas da criança. As idéias de falta, anormalidade, interesse, motivação e atenção, dominam as queixas relativas a crianças que são encaminhadas para avaliação psicológica, tornando-se mitos que justificam seu fracasso. No momento em que os profissionais não consideram a aprendizagem como indissociável do ensino, isolando a aprendizagem aos conteúdos internos do aluno, ao haver um problema de aprendizagem as falhas serão facilmente atribuídas ao aluno.(MACHADO, 1997). Verifica-se com freqüência que a queixa diz respeito a comportamentos não admitidos na escola. O aluno imaginado pelas escolas, é o aluno quieto, que faz as lições e obedece a regras. Tais comportamentos, no entanto, têm que ser vistos também como aqueles esperados para suas idades, devido ao processo de desenvolvimento ou ainda como reação a uma metodologia de ensino que busca domesticar este aluno. A energia da criança na escola não deve ser vista como pura indisciplina, mas como criativa e reveladora de potencial para aprender. Submetê-la a atividades e rotinas desinteressantes é condenar o processo de escolarização. Há grande tendência em ver as coisas como existindo 'em si' fora das relações (MACHADO, 1997, p. 86) localizando no aluno a determinação do seu fracasso. Na realidade, o que acontece com a criança pode não estar relacionado exclusivamente a ela, por questões individuais, mas como resultante de uma rede de

relações que deve ser levada em consideração na compreensão e alteração de uma queixa de não aprendizagem. A queixa escolar é construída em uma história coletiva. Avaliar a produção da queixa escolar implica buscar o quanto é possível alterar essa produção, afetando os fenômenos nos quais ela se viabiliza. Para isso, devemos estar atentos aos efeitos que nossos gestos produzem. (MACHADO, 1997, p.88)

2. Objetivos

Foi objetivo deste estudo analisar e alterar uma queixa escolar relativa à dispersividade dos alunos nas aulas.

3. Desenvolvimento

Situação O trabalho foi desenvolvido numa escola estadual de Piracicaba, numa classe de 4^o série do ensino fundamental. Esta classe tinha 28 alunos, sendo 14 meninos e 14 meninas, com idade média de 10 anos. A queixa da escola é a de que os alunos apresentam dificuldade para se concentrar na explicação da professora. Segundo a professora, são alunos que não prestam atenção e permanecem dispersos e olhando para o nada a maior parte do tempo. Isso torna a aprendizagem mais lenta, dificultando o rendimento da sala. **Material** Caneta; papel; saquinhos de pipoca; cartolina e color-set coloridos; tesoura; cola; canetas hidrográficas coloridas; lápis; caixa de papelão; tecido vermelho; bonecos de fantoches (três porquinhos, lobo mau e chapeuzinho vermelho); rádio; jogos de cruzadinha, labirinto, caça-palavras, formar palavras, sete erros; medalhas (ouro, prata e bronze). **Procedimentos de análise da queixa** **Observação** Para analisar as situações sociais ocorridas em sala de aula, foram realizadas três observações de 1h40, em registro cursivo. **Dinâmica – Teatro de Fantoches** Foi desenvolvida uma dinâmica para favorecer a interação dos psicólogos com os alunos e a observação do comportamento dos alunos em situações que exigem silêncio e concentração. Utilizou-se uma caixa de papelão cortada na sua parte central com um quadrado para que fosse feito o palco, que foi coberto com um tecido vermelho, como uma cortina. Seguiu-se a história básica dos Três Porquinhos, introduzindo-se a personagem do Chapeuzinho Vermelho como se estivesse em história errada. Cada personagem utilizou uma linguagem própria e moderna: a música foi a da Pantera Cor-de-Rosa, quando o Lobo Mau entrava em cena e, a música dos Bee Gees Staying Alive quando os Porquinhos entravam em cena. **Procedimentos de enfrentamento da queixa** **Dinâmica – Montagem de Fantoches** Esta dinâmica teve a participação de cinco estagiárias, sendo que cada uma acompanhou cada grupo individualmente e o quinto ajudou os grupos de uma forma geral. O objetivo foi o trabalho em equipe, seguindo uma seqüência de regras pré-estabelecidas escritas na lousa: falar baixo; não levantar da sua carteira para ver o que os outros grupos fazem; seguir a seqüência sorteada para utilizar os materiais; esperar o colega terminar para começar a fazer a próxima etapa; caprichar no desenho, pois este seria dado, posteriormente, para os colegas da classe. Os alunos foram divididos em quatro grupos e cada grupo tinha a tarefa de fazer um bichinho, que posteriormente seria distribuído para a classe. Havia quatro modelos de bichinhos: o cachorro, o porquinho, a borboleta e o coelhinho. As estagiárias que ficaram sentadas junto com os grupos deveriam enumerar os alunos. Os grupos teriam apenas uma cola e uma tesoura cujo uso era sorteado, exigindo que os alunos esperassem a sua vez. Depois de fazer todos os fantoches, cada aluno de um determinado grupo com o seu respectivo número iria trocar os fantoches com o aluno do outro grupo que tivesse o mesmo número que o seu. Assim, no final, todos teriam os quatro fantoches em mãos. **Dinâmica – Gincana com Passatempo** A classe foi dividida em três grupos que foram acompanhados por três estagiárias respectivamente. Os objetivos foram os mesmos da gincana anterior. A dinâmica teve três etapas: 1^o: Jogo do Labirinto – valor 20 pontos; 2^o: jogos variados (Caça palavras; Formar palavras) – valor 40 pontos; 3^o: Jogo dos Sete Erros – valor 80 pontos. As regras foram novamente escritas na lousa. Às regras da primeira gincana acrescentaram-se as regras de ajudar somente um único colega que ficava ao lado e caso o grupo não respeitasse as regras anteriores, perderia cinco pontos. O grupo com a pontuação maior ficaria em primeiro lugar, recebendo a medalha de ouro e assim sucessivamente para as de prata e bronze.

4. Resultados

A análise da queixa permitiu verificar que a professora mantém com os quatro alunos da queixa as mesmas atitudes que tem com a sala em geral: não é de chamar a atenção e fazer com que esses alunos, que segundo ela são dispersos, ou os demais, prestem atenção na aula e participem. A classe, em geral, possui dificuldade de concentração. Valentim e Daibem (1999) indicam que a prática pedagógica deve considerar a realidade do aluno, concebe os alunos como participantes ativos do processo de educação (p.134). Neste estudo, os alunos ficam atentos quando a professora fala de novos assuntos ou atividades mais interessantes. Gostam de participar, comentar sobre algo que aconteceu com eles ou com conhecidos, porém falam todos ao mesmo tempo e não respeitam o colega quando este vai falar. Não há regras que sejam seguidas por todos os alunos. Constata-se que a professora usa aulas expositivas e transfere a matéria para a lousa; e sempre que isso se passa, a maior parte dos seus alunos encontram-se dispersos, desatentos e em conversas paralelas, levando a professora a pedir freqüentemente silêncio e aumentar o tom de voz, fatos que sugerem a ineficiência desse procedimento. Ela percebe a dispersão dos alunos, mas não toma novas providências, a não ser algumas verbalizações na forma de admoestações que não surtem o efeito esperado por ela. Em outras situações, propõe atividades que levam os alunos a exibir comportamentos não desejados por ela, que ocorrem exatamente porque ela não planejou condições para que estes não ocorressem. A professora preocupa-se muito com a situação antecedente - dar instruções, tarefas -, e não com a conseqüente - dizer ao aluno que acertou ou errou, e indicando o que fazer posteriormente, de forma organizada e com sentido para o que deseja ensinar. Procura dar uma quantidade grande de conteúdos, porém não verifica se os alunos fizeram ou entenderam a atividade, embora não se recuse em dar explicações quando solicitada. Dá apoios individuais, repetindo explicações, mas apenas para quem a procura, sinalizando acertos ou erros. Chama a atenção dos alunos que se esquivam das atividades escolares lembrando-os o que há para fazer, mas sem acompanhar se as fazem ou não – não há conseqüência para esses alunos. A professora fica mais tempo da aula junto aos alunos que demonstram interesse e fazem as atividades: provavelmente porque é reforçada positivamente com o interesse e desempenho desses alunos e reforçada negativamente pela indiferença dos outros alunos, que não a mobilizam tanto. No entanto quando coloca maior atenção ao desinteresse do aluno, o faz de forma aversiva, reclamando ou admoestando-o. Apresenta-se punitiva em quase todos os momentos e na maioria das vezes coloca grandes restrições para conseguir algo em troca dos alunos. Pudemos observar que em diversas vezes a professora não se preocupa em ensinar comportamentos de autonomia nem de permitir o desenvolvimento da criatividade, do comportamento inovador. Apesar de passar várias atividades diferentes, é uma professora que gosta e exige que os alunos trabalhem e façam as atividades do mesmo modo que ela faria e da maneira como deseja. Quando percebe que não está igual ao que ela imaginou, admoesta o aluno. Esta professora deveria preocupar-se em garantir uma relação horizontal entre ela e o aluno, visto que, a competência interpessoal é responsável pela passagem da dependência para a independência, da subordinação à autonomia, da imitação à criatividade, proporcionando o desenvolvimento da consciência crítica (DAIBEM E VALENTIM, 1999). A professora sabe o que deveria fazer para controlar o comportamento das crianças, sabe preparar aulas dinâmicas, mas parece que não sabe como fazer, ou não tem como identificar condições de usar o que sabe. Observou-se muita dificuldade dos alunos em seguir regras quando a conseqüência reforçadora não é imediata. Em atividades longas, em grupo, os alunos exibem comportamentos de indisciplina não sabendo esperar o tempo adequado em silêncio e concentrados na atividade proposta. Para essa turma são necessárias atividades rápidas com conseqüências reforçadoras imediatas. E pensando desta forma desenvolveu-se a Dinâmica da Gincana com Passatempo. Com ela demonstrou-se que com conseqüência imediata os alunos trabalham em grupo: foram participativos e se esforçaram para conseguir atingir a premiação. Porém, como os alunos que não cumpriam as regras perdiam pontos na gincana, observou-se que eles também não aprenderam a lidar com a perda, pois o grupo que ficou em último lugar, que também seria premiado, não aceitou a premiação destinada a eles. Segundo Aquino (1996), a solução para a indisciplina está no estabelecimento de uma relação entre professor e aluno com vínculos concretos do cotidiano, sendo o núcleo do trabalho pedagógico. Pontua que as regras devem estar claramente estabelecidas para ambas as partes para serem cumpridas e que o professor deve ser permeável e criativo em suas estratégias de convívio. Para Rego (1996), o aluno indisciplinado não é o que questiona, se movimenta pela sala e outros, mas aquele que não sabe viver de

modo cooperativo com os outros, ou seja, não respeita opiniões e sentimentos alheios, não compreende o ponto de vista dos outros, não compartilha, não dialoga, comportamentos que para serem aprendidos precisam ser ensinados.

5. Considerações Finais

Diante de uma queixa escolar o psicólogo deve começar por mudar suas perguntas. Deve formular novos problemas sobre as relações travadas no interior da escola, da família, sobre as práticas e não sobre os sujeitos envolvidos. Ao invés de perguntar Como funciona a relação de aprendizagem?, deve perguntar Será que a aula está interessante? A relação aluno/professor é boa? Qual a história escolar dos alunos? Quais são as expectativas do professor?. Tudo isso deve ser levado em conta. Portanto, não deveria considerar apenas os aspectos individuais do aluno ou do professor, ou da família do aluno, pois os acontecimentos não existem por questões individuais, são efeitos de uma rede de relações. (Machado, 1997).

Referências Bibliográficas

COLLARES, C. MOYSÉS, M. A. *Preconceito no cotidiano escolar. Ensino e Medicalização*. Ed. Cortez, 1996.

VALENTIM, M. G; DAIBEM, A.M.L. O bom professor: um estudo comparativo de concepções de alunos e professores do ensino médio sobre o perfil do educador competente. *Mimesis*, Bauru, v. 20, n.1, 1999, p. 133-146.

MACHADO, A.M. *Avaliação e Fracasso: a produção coletiva da queixa escolar*. Summus Editorial. São Paulo, 1997.